



William McDonough

Fed de NY pede aos bancos apoio ao Brasil

Bloomberg News

O presidente do Federal Reserve de Nova York, uma das doze divisões do Federal Reserve, o banco central norte-americano, William McDonough, disse, ontem, que os bancos internacionais devem continuar investindo no Brasil. Em conferência no Institute of International Bankers, McDonough disse que a falta de confiança dos investidores na maior economia da América do Sul e o medo de que deixe de pagar suas dívidas "não fazem sentido" e são "altamente destrutivos a seus próprios interesses" porque o Brasil vai superar a crise. "Eu conheço o Brasil muito bem e, em qualquer teste de estresse, se sai bem", afirmou.

Membros do governo que participaram da reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) passaram o final de semana tentando animar a confiança do investidor internacional, como haviam feito outras autoridades financeiras no encontro do Fundo. O próprio diretor gerente do FMI, Horst Köhler, criticou o "nervosismo" do mercado e disse que não haveria reestruturação da dívida brasileira. O secretário do Tesouro, Paul O'Neill, disse que é muito cedo para declarar o programa do Brasil com o FMI um fracasso. Os ministros do G-7 (grupo dos sete países mais industrializados) elogiaram, sábado, o compromisso do Brasil com "políticas sólidas".

McDonough apoiou a proposta dizendo aos banqueiros que as chances de calote da dívida são "extremamente baixas". Alertou que os investidores privados e credores "criarão um desastre" se liquidarem suas posições no Brasil.

O presidente do Fed de Nova York não foi a única autoridade internacional a defender o Brasil, ontem. O diretor gerente da International Finance Corporation (IFC), braço do Banco Mundial de financiamento ao setor privado, disse que o investimento privado no Brasil e em outros países emergentes vai encolher cerca de um terço neste ano e permanecer baixo em meio a preocupações com a capacidade de pagamento. "O fluxo de capital não vai voltar", afirmou.

O fluxo de capital privado para mercados emergentes vai totalizar US\$ 125 bilhões neste ano, disse Woicke em palestra a clientes. No primeiro semestre deste ano, o fluxo médio mensal para esses países foi de US\$ 10,7 bilhões, 22% a menos do que em 2001.

Em seu discurso, Woicke disse que "olho para nossos clientes na Argentina e Brasil e não vejo empresas que fracassaram. Vejo grandes e sólidas empresas que podem ser players no mercado internacional. Durante anos, os bancos de desenvolvimento usaram o financiamento ao comércio e políticas públicas para atrair as empresas privadas para a economia global. Agora, quando elas precisam de ajuda, o foco vai para os governos".